

## **A resiliência cultural do Dia dos Mortos no México em tempos de narco-violência, pandemia, e guerra colonial<sup>1</sup>**

Dr. Olof Ohlson. UFSCar.

Palavras chaves: O Dia dos Mortos, resiliência cultural, ritual de rebelião.

Esta apresentação analisa a resiliência cultural em “tempos extremos” da famosa festa religiosa do México, o Dia dos Mortos.<sup>1</sup> A festa comunitária está ocorrendo anualmente em 1º e 2 de novembro, no que no resto do mundo católico é conhecido como Dia de Todos os Santos e Finados.

A festa comunitária, celebrada em todo o México e em partes dos Estados Unidos e Guatemala (CANN 2016; MARCHI 2009), mas com diferenças importantes também dentro do México dependendo da localização e da etnia dos celebrantes (NUTINI 1988: 4), é celebrada com oferendas de comida dispostas em altares lindamente decorados para homenagear e lembrar um parente falecido. Dizem que as almas desses parentes retornam nesses dias para ficar perto de seus familiares ou entes queridos e sentir o aroma dos presentes comestíveis.

Os altares podem ser feitos em casas, cemitérios e outros espaços públicos. A importância do lugar varia de acordo com diferentes locais e estados no México (NUTINI 1988: 4). Os altares são sempre decorados com flores de calêndula amarelas brilhantes, fotos, comidas e bebidas, para incentivar as visitas do mundo dos mortos enquanto as almas que partiram ouvem as orações e são guiadas de volta pelas luzes das velas. É uma celebração singular, mostrando outra filosofia de se relacionar com a morte, pois transforma o luto em uma alegre recepção de entes queridos perdidos.

A ideia de que o México e os mexicanos têm uma relação especial e mais íntima com a morte (LAMRANI 2022) tornou-se um mito nacional que os mexicanos gostam de dizer sobre si mesmos (BRANDES 2003a, 1998a). Uma noção abertamente romantizada que já foi bem captada pelo famoso escritor Octavio Paz, quando, em seu célebre livro de poesias *O Labirinto da Solidão*, escreveu:

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Para as pessoas de Nova York, Paris ou Londres, “Morte” é uma palavra que nunca é pronunciada porque queima os lábios. O mexicano, porém, frequenta-a, brinca com ela, acaricia-a, dorme com ela, celebra-a: é um dos seus brinquedos preferidos e o seu amor mais fiel (PAZ 1961: 57).

Como eu disse, muito disso é apenas mito nacional. É claro que os mexicanos temem e choram a morte tanto quanto qualquer um (BRANDES 2003a, 1998b). O que é único é que eles tornam a morte *mais visível* do que *menos visível*, quando muitos outros países fazem o oposto (AIRÉS 1974; HANNIG 2017).

Após a morte dentro de uma família no México ocorre o velório funerário, colocando velas na lateral do caixão aberto, normalmente seguido por “*el rosário*”, ou seja, nove dias de oração pela passagem segura da alma do falecido para o céu. Depois disso, a alma foi simbolicamente integrada na terra dos mortos. Esse é o processo normal do luto, mas depois disso o México adiciona a festividade feliz do Dia dos Mortos, quando os mortos são recebidos de volta em uma alegre celebração. Esta tradição torna a morte mais visível no espaço público e é associada a muito humor macabro e sátira política que se tornou parte da festividade.

Em muitas outras partes do mundo, a morte não é um tópico típico de conversa e nas sociedades seculares a morte tende a ser evitada ou ser mesmo um tabu (AIRÉS 1981, 1974; HANNIG 2017). Este não é o caso do México (CHESNUT 2017; GARCIAGODOY 1998; KRISTENSEN 2014; LAMRANI 2022; LOMNITZ 2005; STRUPP GREEN 1972; VARGAS 1971) onde o Dia dos Mortos é o feriado mais popular para muitos mexicanos.

A flexibilidade geográfica da celebração com altares feitos nos cemitérios, nos lares e no espaço público, confere alguma flexibilidade à festa em circunstâncias extremas como durante a pandemia COVID 19. Quando os eventos públicos em locais comunitários eram cancelados, as famílias ainda podiam fazer altares em suas casas e comemorar as almas de seus falecidos no lar.

O México também teve menos restrições e medidas de distanciamento social em COVID 19 do que muitos outros países, já que o atual presidente Andrés Manuel López Obrador decidiu contra a aplicação de medidas estritas, dizendo que isso afetaria injustamente o grande setor informal e humilde do país. Ainda assim, sem turismo internacional, as comemorações dos últimos anos não foram as mesmas. Houve menor renda para quem vende flores, alimentos e artesanato. No entanto, deve-se lembrar, o Dia

dos Mortos é uma comemoração ritual cujo propósito é lidar com a perda de vidas e o luto individual em um rito de passagem coletivo.

Voltarei ao tema ao longo do texto. Primeiro, vejamos um pouco mais sobre a festa em si e sua história.

As origens históricas da festa são muito debatidas e amplamente consideradas como uma fusão histórica de dois universos: os reinos europeus medieval e colonial no mundo católico e as sociedades e impérios dos americanos nativos no mundo americano pré-colombiana (BRANDES 2003a, 1998a; MALVIDO 2006). Uma vez que marca a conclusão do ciclo anual do cultivo do milho — a festa comemorativa é, de certa forma, um festival típico da colheita camponesa, e não um ritual mexicano único (MALVIDO 2006). A festa fundiu tradições católicas pré-hispânicas com crenças indígenas e é, nesse sentido, uma “invenção colonial” (BRANDES 2006: 40, 1998a; MALVIDO 2006). Muitos de seus objetos e tradições de fato se originam na Espanha medieval (BRANDES 2006: 28-33, 40, 52, 61). Os astecas também celebravam um festival dos mortos de um mês e prestavam homenagem à senhora da morte, Mictlancíhuatl, que protegia os falecidos e os ajudava na vida após a morte.

Essa fusão é central na forma como a UNESCO motiva o status designado à festa como um patrimônio cultural da humanidade. A UNESCO afirma que:

A celebração do Dia dos Mortos tem um grande significado na vida das comunidades indígenas do México. A fusão de ritos religiosos pré-hispânicos e festas católicas reúne dois universos, um marcado por sistemas de crenças indígenas, outro por visões de mundo introduzidas pelos europeus no século XVI.<sup>ii</sup>

Como muitos antropólogos apontaram, o Dia dos Mortos é um produto colonial que funde essas duas tradições diferentes em algo novo. Nesse processo histórico, a violência colonial, a morte em massa da população indígena por epidemias trazidas pelos europeus e crises de fome foram importantes para moldar essa tendência popular de tornar a morte mais visível na vida pública.

É difícil exagerar o fato de que a celebração do Dia dos Mortos ganhou destaque no México durante um período de genocídio e guerra colonial brutal contra a população local. Essas comunidades insistiam em tornar seus mortos mais visíveis na esfera pública no exato momento em que a elite colonial procurava esconder a destruição. O Antropólogo Stanley Brandes escreve que “Dadas as circunstâncias, parece realista

afirmar que o Dia dos Mortos se tornou ritualisticamente elaborado no México como consequência da enorme perda de vidas durante os séculos XVI e XVII” (2006: 36). Ele chama esse período de uma “catástrofe demográfica talvez inigualável na história do mundo” (2006: 35).

Claudio Lomnitz prefere chamar de um “holocausto verdadeira para a população nativa” (2005: 68) e continua o tema argumentando em seu muito notado livro *Death and the Idea of Mexico* que a gestão da morte pelo Estado colonial teve uma influência subestimada na tradição de morte visível do México.

Não só a população nativa americana, mas heróis nacionais como Augustín de Iturbide que foi general na guerra de independência do México, entre 1810-1821, e depois presidente, e mais tarde os heróis revolucionários Pancho Villa e Emiliano Zapata da Revolução Mexicana, cem anos depois entre 1910-1920, foram todos assassinados. Para Lomnitz, o legado brutal da violência estatal, que muitas vezes usava cadáveres mutilados em público para assustar a população em uma tentativa de controle social, deixou sua marca na cultura coletiva mexicana.

Em contraste com a violência estatal que humilha e denigre suas vítimas, a tradição do Dia dos Mortos é uma celebração que insiste que todos os mortos devem ser devidamente honrados, respeitados, vistos, lembrados, cuidados, até mesmo venerados. É desde a sua própria concepção um ritual de rebelião em resposta ao colonialismo e a gestão da morte pelo Estado colonial.

Isso também é verdade para a política contemporânea hoje em dia. O México vive atualmente um período de violência, com guerras de rua envolvendo tanto atores estatais quanto cartéis do narcotráfico rivais (organizações criminosas especializadas no tráfico de drogas que lutam pelo controle das rotas de contrabando para os Estados Unidos). À medida que o número de mortos disparou, tornou-se cada vez mais difícil distinguir entre brigas criminais e formas de violência estatal. Desde que o governo lançou sua “guerra às drogas” em 2006, mais de 200.000 pessoas foram mortas (OHLSON 2022: 204).<sup>iii</sup>

Em publicações anteriores escrevi sobre como o Dia dos Mortos pode ser usado por movimentos ativistas e familiares sobreviventes de vítimas de violência para protestar contra a violência do Estado fazendo altares ativistas no espaço público (OHLSON 2022). Esses altares e seu humor político sustentam vidas-póstumas das vítimas e criticam o Estado e o sobre como o sistema de justiça lida com a violência relacionada ao narcotráfico.

Famílias enlutadas evocam memórias em público e relembram mortes trágicas estrategicamente em seus protestos. Os altares de ativismo exemplificam os usos sociais e contencioso dos seus mortos. As oferendas do Dia dos Mortos são um poderoso meio subversivo para combater a necropolítica do Estado e tornam-se, o que eu chamo de um “repertório necrosocial de contenção”, o que dizer, um repertório de rotinas de reivindicação para cidadãos ao Estado (OHLSON 2022).

Nos últimos anos, nessa época dos narco carteis no México, o Dia dos Mortos viu uma onda de humor sombrio que satiriza e desafia diretamente a legitimidade do Estado mexicano por sua relação com o crime organizado, com crítica aos homicídios e impunidade, e defesa da honra e memória das vítimas de violência no país. A violência do narcotráfico no México, a corrupção e seus casos especialmente infames — como o massacre de 22 pessoas em Tlatlaya em junho de 2014 cometido pelo exército, de 193 migrantes em San Fernando em 2011 atribuídos ao cartel de narcotraficantes los Zetas, e dos 43 estudantes de Ayotzinapa pela polícia municipal de Iguala em Guerrero — têm sido temas frequentes de humor sombrio, satírico e de altares públicos (OHLSON 2022).

O Dia dos Mortos oferece um espaço anual para essa sátira política no meio do debate público para continuar o ativismo contra os homicídios. Ele permite que os mortos sejam implantados no debate público para ganho político. O humor sombrio é uma forma de expressar solidariedade política, participação e engajamento em apoio às muitas vítimas de violência do país.

Como tal, o Dia dos Mortos de novo ilustra a resiliência cultural. Através dos altares públicos e da cultura material associada à comemoração dos mortos da festividade, a tradição popular sustenta as vidas sociais póstumas dos mortos. Tais relações sociais com os mortos receberam um papel de destaque na vida da comunidade.

Em um dos principais pontos turísticos da celebração, San Andrés Mixquic, uma comunidade nahua (descendentes de astecas), ao sul da Cidade do México, um grande programa público é realizado durante vários dias para celebrar o retorno dos mortos ao cemitério local que é um lugar especialmente importante, onde os celebrantes realizam uma vigília conhecida como “*la alumbrada*” com milhares de velas iluminando os caminhos para as almas retornarem. As comunidades nahuas celebram um terceiro dia, conhecido como o “*el día de los matados*” ou, também chamado “*el día de los accidentados*.”

Ter um dia específico para vítimas de homicídios e acidentes aponta para algo que Walter Benjamin escreveu uma vez, que “A tradição dos oprimidos nos ensina que ‘o

estado de emergência' em que vivemos não é a exceção, mas a regra. Devemos alcançar uma concepção da história que esteja de acordo com essa percepção" (1969: 257).

Visto por esse lado, o Dia dos Mortos desempenhou um papel crucial na resposta às crises de morte violenta ou trágica na história do México: a celebração tem um papel importante na maneira como a sociedade, uma família, um indivíduo, lidam com o luto nesses casos.

O humor mórbido é parte dessa resposta. Ao longo dos anos, a festa desenvolveu um humor político macabro e satírico, que muitas vezes zomba dos poderosos e das elites.

Existem dois tipos de sátira política associada ao feriado. Um deles são os chamados *calaveras* (caveiras), que são poemas rimados, muitas vezes zombando diretamente dos vivos que logo morrerão, ou dos políticos que governam o país (Brandes 2003b). Esses poemas são frequentemente acompanhados de caricaturas satíricas quando publicados em jornais ou revistas online durante o período do feriado. Eles são frequentemente escritos por mexicanos comuns que enviam sua contribuição em concursos para o poema de caveira mais engraçado.

O outro tipo de humor é aquele associado a grandes figuras de papel machê construídas dentro de altares públicos como esqueletos de corpo inteiro, muitas vezes com roupas engraçadas (CONGDON 2003). Uma das figuras mais famosas que se tornou parte integral da festividade é conhecida como la Catrina. Ela é uma senhora esqueleto dândi cômica, originalmente uma caricatura satírica feita pelo famoso cartunista José Guadalupe Posada (1852-1913) para parodiar as vaidades da classe alta. Quando os celebrantes fazem parodia dos vivos através de figuras como la Catrina hoje em dia, eles lembram aos ricos e poderosos que eles também morrerão um dia. Um provérbio mexicano comum, repetido muitas vezes em poemas cadavéricos e altares durante o feriado, diz que "a morte é democrática," e a morte é vista como o "grande equalizador."

La Catrina também foi incluída nos murais de Diego Rivera como um símbolo mexicano da morte, visto em seu icônico mural *Sonho de uma tarde de domingo* no Parque da Alameda, no qual Rivera e sua esposa, Frida Kahlo, junto com muitas outras pessoas famosas da história mexicana aparecem no mural que tem la Catrina no centro da pintura como se ela foi a mãe simbólica e unificadora da nação.

Frida Kahlo também adotou a morte como uma figura que frequentemente aparece em seus autorretratos. Como o retrato conhecido como *Pensando sobre a Morte*, com a morte pintada em sua testa como se estivesse constantemente em sua mente. Tanto Kahlo quanto Rivera eram artistas no México comunista pós-revolucionário e esperavam que as

tradições e raízes indígenas da nação desempenhassem um papel mais importante na identidade da nação. Este é o período em que a morte se associa à nação mexicana e Octavio Paz escreveria romanticamente sobre sua relação especial com os mexicanos, como vimos antes (BRANDES 2003a; LOMNITZ 2005).

É importante notar que la Catrina, que se tornou inseparável da iconografia do Dia dos Mortos, simbolizando a morte durante a festa, não é venerada. O Dia dos Mortos não está celebrando *a morte*, mas *os mortos*. As oferendas de comida são dadas aos ancestrais e à família que partiu.

Isso, na minha opinião, é um ponto crucial quando se pensa em como e por que o Dia dos Mortos é importante para lidar com crises e traumas pessoais e sociais. Ajuda a família sobrevivente após a morte trágica, designando alguns dias por ano para lembrar de alguém que partiu e transformando tristeza em alegria, dando uma alegre festa de boas-vindas às almas.

Durante minha pesquisa de campo anterior na Cidade do México, durante o Dia dos Mortos em 2014 e 2015, um celebrante me disse que: “Celebramos o Dia dos Mortos para lembrar nossos entes queridos compartilhando uma refeição com eles como faria quando eles estavam vivos.”

Beber e comer com os mortos manifestam laços recíprocos de cuidado intergeracional. Como o antropólogo Stanley Brandes escreveram em seu livro *Skulls to the Living, Bread to the Dead*,

O Dia dos Mortos é antes de tudo uma ocasião sagrada, destinada a reconhecer, honrar e até nutrir os antepassados falecidos, criando condições que promovam uma espécie de comunhão espiritual com eles. É um ritual mortuário, que visa satisfazer as necessidades alimentares e emocionais das almas que partiram. Celebrantes que se lembram de prover adequadamente seus ancestrais no Dia dos Mortos podem, após a morte, esperar receber o mesmo tratamento de seus descendentes. Assim, as crianças, durante este feriado como em todos os feriados, são totalmente incorporadas aos procedimentos e, assim, aprendem, como um antropólogo – através da observação e participação. Espera-se que nos próximos anos, pelo menos uma vez por ano, durante o Dia dos Mortos, essas crianças proverão seus pais falecidos da mesma forma que seus pais sustentam seus próprios parentes falecidos (2006: 8).

O Dia dos Mortos é uma homenagem à continuação do amor, fluindo dos vivos para os falecidos, capturada pelo simples ato de oferecer a refeição favorita de seus entes queridos perdidos uma vez por ano, assim como você pode esperar o mesmo para si mesmo de seus próprios filhos quando você falecer.

Nesse sentido, o Dia dos Mortos tem uma ética horizontal de comemoração com uma forte obrigação social de cuidar dos mortos. Quer dizer, o ritual celebra todos os mortos igualmente. Assim como o antigo dramaturgo grego Sófocles tem seu anti-herói Antígona dizer na peça que leva seu nome, “há honras devidas a todos os mortos” (SÓFOCLES c. 497-406BCE: §413).<sup>iv</sup> A peça de Sófocles é frequentemente usada como ilustração da lei humana, a lei do rei Creonte de Tebe, nesse caso, pode entrar em conflito com a moral e a ética, ou a lei dos deuses, no vocabulário de Antígona. Da mesma forma, pode-se dizer que o Dia dos Mortos ilustra uma ética popular de comemoração universal também dos mortos invisíveis e marginalizados da nação (em contraste com a política do Estado colonial genocida antigamente e o Narco Estado corrupto hoje em dia). Enquanto a vida é injusta e desigual, a morte é justa e traz justiça no pensamento e cultura popular mexicano.

Voltando agora ao assunto sobre como o ritual transforma morte trágica em uma festa alegre que faz parte da característica tão especial da celebração.

O Dia dos Mortos tem uma estrutura ritual bastante singular que, a meu ver, parece mitigar a hierarquia simbólica comum da morte, ou que podemos chamar a “dualidade da morte,” que distingue entre morte “boa” e “má” de uma forma ou outra. O que é considerado uma morte “boa” e “má” varia ao longo do tempo e entre as culturas. Por exemplo, para os astecas, a maneira de sua morte era mais importante do que suas ações na vida, que é o mais importante no mundo católico, para decidir seu destino na vida após a morte: Na cosmovisão dos astecas, “Aqueles que morreram de morte não natural, por assassinato, guerra ou acidente, compartilharam um destino semelhante, diferente daquele de pessoas que morreram por doença ou outros processos naturais” (BRANDES 2006: 8).

Entanto, há uma tendência transcultural de fazer uma distinção entre morte “boa” e morte “má” de alguma forma, com a sobreposição de que “a boa morte é uma morte socialmente construtiva e regenerativa... morte prematura de uma criança, por exemplo – assume o significado oposto” (KWON 2006: 14). Almas que sofreram de morte “má” muitas vezes permanecem na terra como fantasmas que assombram os vivos, muitas vezes

são difíceis de lidar e podem representar uma ameaça ao princípio hertziano do “triunfo social sobre a morte” (KWON 2006: 15, 2008).

O Dia dos Mortos consegue triunfar a morte trágica e má exatamente porque a celebração também integra a morte “má” nas festas. O dia 1 de novembro, a primeira noite da celebração, a partir da meia-noite, é conhecido como *El Día de los Angelitos* (O Dia das Crianças Anjos), e é dedicado aos espíritos das crianças que morreram prematuras. Tradicionalmente comemorado com uma vigília noturna no cemitério. Os altares estão cheios de brinquedos e o doce favorito das crianças anjos, que dizem pular o purgatório e ir direto para o céu.

Em 2 de novembro, as celebrações mudam para homenagear os adultos falecidos e é conhecido como o Dia dos Defuntos, celebrado da meia-noite ao meio-dia, com altares agora muitas vezes incluindo álcool como tequila ou mescal, após o qual o dia é conhecido como *o Día dos Mortos* para celebrar todos os mortos em geral e quando muitos viajam para o cemitério para decorar túmulos com flores, presentes e caveiras de açúcar com os nomes dos seres queridos.

A primeira noite da celebração, o Dia das Crianças Anjos, é assim consagrada à morte “má”, ou à morte não generativa das crianças prematuras. Esta noite, juntamente com o velório e o período de oração pela alma do falecido durante *el novenario*, que mencionei anteriormente, constituem a parte do luto após a morte no México, que então transita sem fricção para as festas durante Dia dos Defuntos e dos Mortos em tons mais alegres.

Isso corresponde à estrutura tripartida da passagem ritual teorizada por Arnold van Gennep (1909) e Robert Hertz (1907) com um estágio inicial (i) de separação, seguido por (ii) uma fase liminar de incerteza e perigo quando a oração e outras medidas são necessárias, antes da (iii) plena reincorporação em um novo status, neste caso com a alma integrada na vida após a morte que agora pode retornar anualmente para ser celebrada.

Durante a festa, os vivos comem o que chamam de “pão dos mortos” e “caveiras” que são doces de açúcar para simbolicamente acolher os mortos em seus corpos, nutrindo-se da cultura material e alimentar associada aos mortos, enquanto os mortos são nutridos absorvendo o aroma dos presentes alimentares oferecidos nos altares dedicados a eles. Como tal, a festa celebra os laços contínuos entre os vivos e os mortos: afirma a continuação do amor humano, cuidado e regeneração da família através das gerações. É nesse sentido que a celebração tem um princípio horizontal de comemoração que quebra a hierarquia ritual da dualidade da morte entre mortos bons e maus, pois celebra os dois tipos e transforma a morte “má” não generativa em morte “boa” generativa.

Sob essa luz, fica claro que o Dia dos Mortos não é apenas um exemplo de uma filosofia mais relaxada de lidar com a morte como um evento natural no ciclo de vida humana, mas também oferece um ritual recorrente no calendário anual para lidar com casos problemáticos de morte que podem causar trauma e luto indefinido.

Eu não voltei pessoalmente ao México para realizar trabalho de campo após o surgimento da pandemia do COVID 19, mas viajarei para lá nas comemorações deste ano. Trago todo um baú de questionamentos sobre como os altares e a sátira política lidam com as mortes associadas à pandemia nos últimos anos. Mas estou convencido pela minha pesquisa de campo anterior que o Dia dos Mortos, como um feriado sagrado e alegre para se divertir e lembrar de quem partiu, é um valioso recurso cultural para lidar com vidas perdidas na pandemia, em tempos extremos e em tempos normais. Em primeiro lugar, o Dia dos Mortos é uma comemoração feliz que exemplifica a reciprocidade intergeracional de cuidado e a continuação da vida ao longo das gerações, assim celebra a vida finita dos vivos igual a vida eterna dos mortos. Nem a morte nem as pandemias foram capazes de impedir que esse amor além da morte prosperasse.

## Referencias

- ARIÉS, Philippe. 1981. *The Hour of Our Death*. London: Vintage Books.
- 1974. *Western Attitude Toward Death: From the Middle Ages to the Present*. London: Johns Hopkins University Press.
- BENJAMIN, Walter. 1969. "Theses on the Philosophy of History." In *Illuminations*, ed. Hannah Arendt, translated by Harry Zohn, pp. 253-264. New York: Schocken.
- BRANDES, Stanley. 2006. *Skulls for the Living, Bread to the Dead: The Day of the Dead in Mexico and Beyond*, Blackwell Publishing: New York.
- 2003a. "Is there a Mexican View of Death?" *Ethos* 31(1):127-144.
- 2003b. "Calaveras: Literary Humor in Mexico's Day of the Dead", *Of Corpse: Death and Humor in Folklore and Popular Culture* (Peter Narvaez, ed.): 221-238. Logan, Utah: Utah State University Press.
- 1998a. "Iconography in Mexico's Day of the Dead: Origin and Meaning", *Ethnohistory* 45(2): 181-218.
- 1998b. "The Day of the Dead, Halloween, and the Quest for Mexican National Identity." *The Journal of American Folklore* 111(442): 359-380.

- CANN, Candi K. 2016. "Contemporary Death Practices in a Latina/o Community." *Thanatos Journal* 5(1): 63-95.
- CARMICHAEL, Elizabeth and Sayer, CHLOE. 1992. *The Skeleton at the Feast: The Day of the Dead in Mexico*, University of Texas Press: Austin.
- CHESNUT, Andrew. 2017. *Devoted to Death, Santa Muerte, the Skeleton Saint*. Oxford: Oxford University Press.
- CONGDON, Kristin. 2003. "Making Merry with Death: Iconic Humor in Mexico's Day of the Dead." In *Death and Humor in Folklore and Popular Culture*, Narváez, Peter (ed), Colorado: University Press of Colorado
- GARCIAGODOY, Junaita. 1998. *Digging the Days of the Dead: A Reading of Mexico's Días de Muertos*, University Press Colorado: New York.
- HANNIG, Anita. 2017. "Death and Dying 101. A study of cross-cultural attitudes toward mortality can help young people accept death as a part of life." *SAPIENS* 3 Oct 2017. Available at: .
- HERTZ, Robert. 1960 [1907]. *Death and the Right Hand*, Routledge: London.
- KRISTENSEN, Regnar Albeak. 2014. "How did Death become a Saint in Mexico?" *Ethnos*, 2014, (1-23).
- KWON, Heonik. 2008. *Ghost of War in Vietnam*. Cambridge: Cambridge University Press.
- 2006. *After the Massacre: Commemoration and Consolation in Ha My and My Lai*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LAMRANI, Myriam. 2022. "The ultimate intimacy: Death and Mexico, an anthropological relationship in images." *American Ethnologist* 49(2): 204-220. DOI: [10.1111/amet.13075](https://doi.org/10.1111/amet.13075).
- LOMNITZ, Claudio. 2005. *Death and the idea of Mexico*. New York: Zone Books.
- NUTINI, Hugo. 1988. *Todos Santos in Rural Tlaxcala: A Syncretic, Expressive, and Symbolic Analysis of the Cult of the Dead*. New York: Princeton University Press.
- MALVIDO, Elsa. 2006. "La Festival de Todos Santos, Fieles Difuntos y su Altar de Muertos en México, Patrimonio 'Intangible' de la Humanidad'." *Patrimonio Cultural y Turismo* (16): 42-55.
- MARCHI, Regina M. 2009. *Day of the Dead in the USA: The Migration and Transformation of a Cultural Phenomenon*. New Brunswick: Rutgers University Press.
- PAZ, Octavio. 1961. *The Labyrinth of Solitude: Life and Thought in Mexico*. New York: Grove Press, Inc.

OHLSON, Olof. 2022. “Necrotaboos and Political Afterlives in Social Justice Activism During Mexico’s Day of the Dead.” *Latin American Studies*, 54(2): 203-225. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0022216X22000189>.

SÓFOCLES. c. 497-406BCE. *Antigone*. In *Classical Greek Tragedy*, English translation by Dudley Fitts and Robert Fitzgerald.

STRUPP GREEN, Judith. 1972. “The Days of the Dead in Oaxaca, Mexico: An Historical Inquiry.” *OMEGA Journal of Death and Dying* 3(3):245 – 26.

UNESCO’s official website. Available at: <https://ich.unesco.org/en/RL/indigenous-festivity-dedicated-to-the-dead-00054> (Accessed 2022-01-29, 17:15).

VAN GENNEP, Arnold. 2004 [1960/1909]. *The Rites of Passage*. New York: Routledge.

VARGAS, G, Luis Alberto. 1971. “La Muerte Vista por el Mexicano de Hoy.” *Artes de México* (145):57-74.

## Notas finais

---

<sup>i</sup> Esse projeto não seria possível sem o financiamento pelo FAPESP (número do projeto. 2021/11138-0) a quem sou muito grato. Sou igualmente grato aos celebrantes no México que responderam minhas perguntas durante a pesquisa de campo; a Wenner Gren Foundation que financiou uma estadia de campo no México anteriormente (número da bolsa 9072); ao prof. Jorge Mattar Villela da UFSCar pelas orientações; aos participantes como Dra. Juliana Caruso (USP), Marcos Vinícius Guidotti Silva, Julia Arico Savarego e Jesser Ramos (UFSCar), entre outros do grupo de pesquisa Hybris coordenado pelo prof. Jorge e prof. Ana Claudia Duarte Rocha Marques (USP) pelos comentários sobre esse projeto de pós-doutorado; aos participantes da Escola FAPESP 60 anos no Hotel fazenda dona Carolina 21-24 de agosto 2022 pelos comentários a um poster meu sobre minha pesquisa; ao Dr. Magnus Course e Dr. Casey High no Universidade de Edimburgo que supervisionaram meu trabalho de doutorado e comentaram outros trabalhos sobre dia dos mortos, à Dra. Catherine Whitaker, agora na Universidade de Goethe em Frankfurt, e, por fim, Dra. Bruna Potechi de UFSCar, minha ser querida que sempre lê e comenta meus trabalhos e revisa meu português.

<sup>ii</sup> Retirado do website oficial da UNESCO: <https://ich.unesco.org/en/RL/indigenous-festivity-dedicated-to-the-dead-00054> (Acessado 2022-01-29, 17:15).

<sup>iii</sup> Para obter mais informações e os dados mais recentes sobre os números relacionados à violência do narcotráfico no México, consulte o *Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI)*, *Mortalidad. Conjunto de Datos. Defunciones por Homicidios*, <https://www.inegi.org.mx/sistemas/olap/proyectos/bd/continuas/mortalidad/defuncioneshom.asp?s=est>.

<sup>iv</sup> Referência dada no verso em vez do número da página para facilitar a comparação entre traduções e versões da obra *Antígone*.